

# humanitas



**Vol. XXXV-XXXVI**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XXXV-XXXVI



MCMLXXXIII-MCMLXXXIV  
C O I M B R A

## A LUA NEGRA DO POETA \*

Hóstia era o seu nome — de nascimento.<sup>1</sup> Um nome que, ao ouvido dos Romanos, evocava ideias de mau agoiro: ‘estrangeira’, ‘inimiga’, ‘vítima expiatória da cólera divina’.<sup>2</sup> Mas o poeta chamou-lhe Cíntia. E Cíntia ficou, para sempre. A Cíntia de Propércio: como a Lésbia de Catulo, a Licóris de Cornélio Galo, a Délia de Tibulo. O nome de poesia apagou o nome de nascimento. Não apagou a ideia de mau agoiro.

Cíntia é a deusa do monte Cinto, na ilha de Delos: designa a Ártemis dos Gregos, a Diana dos Latinos. Mas em Delos nasceu também o seu irmão gémeo, Apolo.<sup>3</sup> Hóstia tinha a beleza de Diana: os olhos cintilantes e altivos, o fulgor lácteo da tez, a cabeleira leonina, a voz harmoniosa, os dedos longos e afeitos ao dedilhar da lira, a estatura elevada e o andar especioso das imortais. Mas tinha igualmente a arte de Apolo: sabia cantar, tanger, dançar, fazia versos, disqueteava com graça e desenvoltura.<sup>4</sup> Como Diana, cativava pela beleza; como Apolo, senhoreava pela arte. Que mais pode desejar um coração de poeta e de artista? Cíntia! Era a blandícia do nome helénico; o exemplo — quem sabe? — de Tibulo, que à sua Plânia chamou

---

\* Palestra proferida na Faculdade de Letras da Universidade de Aveiro (Abril de 1983); depois, em versão abreviada e retocada, na Associação Portuguesa de Estudos Clássicos (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Dezembro de 1983) e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Março de 1984).

<sup>1</sup> Segundo APULEIO, *Apol.* 10.3. Mas J.-P. BOUCHER, *Études sur Propérce. Problèmes d'inspiration et d'art*, Paris, De Boccard, 1980, 460-463, defende a correcção *Roscia*, proposta por A. MARX, *De Sex. Propertii uita et librorum ordine temporibusque*, Leipzig (diss.), 1884, 47.

<sup>2</sup> A. ERNOUT & A. MELLETT, *DELL*, Paris, Klincksieck, 1959 (1967), s. uu. *hostia* e *hostis*.

<sup>3</sup> Ao “ciclo apolíneo”, inaugurado por Varrão de Átax, pertencem também os pseudónimos Leucádia, Licóris e Délia (BOUCHER, *op. cit.* [n. 1] 465-467).

<sup>4</sup> Propércio é a fonte única de todos estes predicados, que BOUCHER reúne e classifica em uma longa nota do seu estudo (*op. cit.* [n. 1] 469-470 n. 1).

Délia; <sup>5</sup> a equivalência métrica, quase perfeita, entre Hóstia e Cíntia. <sup>6</sup> Cíntia! Um nome que parecia talhado para o deleite dos sentidos e a fruição da alma.

Mas Cíntia tem outra face: a deusa casta e apolínea das florestas e das fontes, cujos olhos claros reflectem o cristal das águas e a pulsação verde das árvores, é também a deusa nocturna e ambígua que entremostra e sonega o lume da lua; a Hécate sinistra do mundo dos mortos, anunciada pelos espasmos da terra e o latir dos cães infernais; a Trívia errabunda, parceira do logro, que investe e garrota no gume da treva. A Dama da Noite é livre e indomável no amor — mas doma e subjuga o seu apaixonado, que só para ela deve subsistir. Cíntia discorre, solitária e soberba, no veludo do céu; quando desaparece por trás da crista do monte, há um pastor que espera, em uma gruta da Cária, o seu abraço de amor: é Endimião. Mas Cíntia mergulhou-o em sono eterno. Por ela, para ela vive; por ela, para ela morre. Cíntia é a Lua Negra de Endimião. <sup>7</sup>

Hóstia recebeu o nome de Cíntia. O poeta invocou-a como luz e vida da sua vida, <sup>8</sup> a flama que acendia o seu engenho. <sup>9</sup> Mas Cíntia queria ser livre e dominadora, possessiva e distante: a lhama de prata que irisa o rosto, mas, quando se retira, o deixa pálido e regelado. Um emblema de morte, como a Lua para Endimião. E Cíntia foi a Lua Negra do poeta.

<sup>5</sup> Observa A. ROSTAGNI, *Storia della letteratura latina*, Torino, U.T.E.T., 1964, II, 214: «forse *Cinzia*, almeno negli inizi, presuppone *Delia* e non viceversa, dato che dei due pseudonimi il secondo è legato, per falsa etimologia, alla realtà, ossia al nome reale *Plania* [...], e quindi è, in certo senso, originario: l'altro viene di riflesso.» Na impossibilidade de fixar, com rigor, a data do início da divulgação das elegias de Tibulo e Propércio, mais vale supor que o poeta úmbrio pretendeu apenas integrar-se no “ciclo apolíneo” [n. 3]: 2.34. 85-86, 91-94.

<sup>6</sup> Com a sua inicial consonântica, *Roscia* [n. 1] daria, pelo contrário, a equivalência perfeita.

<sup>7</sup> Sobre as relações entre Diana (Ártemis), Lua (Selene) e Trívia (Hécate): *Der kleine Pauly* 1 (1964) 618-625 (*Artemis*), 1510-1512 (*Diana*); 2 (1967) 982-983 (*Hekate*); 3 (1969) 779-780 (*Luna*). A ideia inicial e o desenvolvimento deste artigo são independentes do estudo de E. N. O'NEILL, “Cynthia and the Moon”: *CPh* 53 (1958) 1-8 — a que, infelizmente, ainda não tivemos acesso.

<sup>8</sup> *Mea lux*: 2.14.29, 2.28b.59, 2.29a.1; *mea uita*: 2.3.23, 2.26a.1; *uita*: 1.8.22, 2.5.18, 2.24c.29, 20.30b.14, 4.5.55. Citações a partir da edição de R. HANSLIK (Leipzig, Teubner, 1979).

<sup>9</sup> 2.1.4.

Propércio era um adolescente, quando conheceu aquela mulher. Um adolescente traumatizado, como outros poetas do seu tempo, pelo choque, vibrante ainda, das guerras civis. A família perdera uma parte dos bens;<sup>10</sup> Propércio fora chamado a recolher os ossos de seu pai, morto na flor dos anos;<sup>11</sup> um parente amigo, que escapara às agruras do cerco de Perúsia, foi assassinado e abandonado, insepulto, nos montes da Etrúria.<sup>12</sup> A mãe assumiu o governo da casa:<sup>13</sup> seria (imaginamos) uma mulher autoritária, de vontade forte, afecto exclusivista, que marcou o poeta e o predisps para as capitulações, sem honra, do vencido perante o vencedor, do escravo perante a sua *domina*. Propércio esquivou, como Virgílio, a sedução do foro:<sup>14</sup> ficou inerte, sem profissão, sem largos recursos, um úmbrio instalado em Roma, no bairro lúgubre e luxuoso das Esquílias.<sup>15</sup>

Teria dezoito, vinte anos — uma precocidade comparável à de Rimbaud —,<sup>16</sup> quando publicou o primeiro livro. O poeta chamou-lhe simplesmente *Cynthia*, mas cedo recebeu o nome de *Monobiblos*. *Cynthia Monobiblos*: «Cíntia, livro único.» E esse livro bastou para lhe abrir, de par em par, as portas da fama e da casa de Mecenas. Não bastou para lhe abrir as portas da felicidade.

A *Monobiblos* começa por uma confissão: «Cíntia foi a primeira que — pobre de mim! — com seus lindos olhos cativou o meu coração: / um coração que dantes estava incontaminado de quaisquer paixões.»<sup>17</sup> Desde a primeira palavra, desde os primeiros versos, a certeza de uma possessão irredimível: Diana caçadora que lança a sua rede, o veadinho inexperto que se deixa prender e trespassar.<sup>18</sup> Cíntia era uma

<sup>10</sup> 4.1b.129-130.

<sup>11</sup> 4.1b.127-128.

<sup>12</sup> 1.21, 1.22. Estudos recentes destas elegias: W. R. NETHERCUT, "The σφραγίς of the *Monobiblos*": *AJPh* 92 (1971) 464-472; J. T. DAVIS, "Propertius I. 21-22": *CJ* 66 (1971) 209-213; J. J. BODOH, "Propertius I.21": *AC* 41 (1972) 233-241; K. KUNIHARA, "Propertiana: I.21": *REL* 52 (1974) 239-250; C. P. A. MAGUEJO, "Propércio, I.22": *Euphrosyne* 6 (1973/74) 133-143.

<sup>13</sup> 4.1b.131-132.

<sup>14</sup> 4.1b.134.

<sup>15</sup> 3.23.24; 4.8.1.

<sup>16</sup> Como observa L. A. MACKAY, "Umbrian Rimbaud": *G & R* 17 (1970) 177-183.

<sup>17</sup> 1.1.1-2.

<sup>18</sup> F. M. AHL, "Propertius 1.1": *WS* n. s. 8 (1974) 80-82, onde se acentua, várias vezes, a associação de Cíntia com Diana e com a Lua. No mesmo sen-

dama da alta-roda, mais velha que o poeta, mais abastada do que ele, viúva ou sem tutela de marido, mas ávida de presentes, de luxo e de prazer, senhora de um temperamento fogoso que a levava a aceitar cortejadores e amantes com surpreendente facilidade. Vestia de modo requintado e provocante, exorbitava em artifícios de toucador, estadeava jóias, perfumes e os voluptuosos tecidos de Cós, que antes desvelam que recobrem as formas da tentação. Guiava ela mesma o seu carro ou o carro dos seus amigos, lançada a toda a brida, incitando os garranos de pêlo aparado, fazendo cascalhar as rodas sobre as pedras acuminadas.<sup>19</sup> O poeta ficou deslumbrado por aquela dona sem dono que conhecia todas as artes da sedução: «Não foi tanto o seu rosto, por luminoso que seja, que me conquistou: / os lírios não são mais brancos que a minha senhora, / (...) <a sua tez> são como pétalas de rosa a nadarem na pureza do leite. / Não foi a graça dos seus cabelos a fluírem sobre o cetim da nuca; / não foram os seus olhos, essas duas labaredas, que são as minhas estrelas. / (...) Não, não sou um amador de tão fraca exigência. / Foi antes o encanto com que ela dança, no declinar das libações, / como Ariadne quando guia os coros das bacantes; / foi a arte com que dedilha canções ao plectro eólico / (...) e compete, em suas poesias, com as da antiga Corina / (...)» Aquela mulher era uma nova Helena, digna de uma nova guerra de Tróia; aquela mulher seria a primeira romana a partilhar o leito de Júpiter; aquela mulher, se um pintor a tomasse por modelo, abrasaria o Ocidente e o Oriente.<sup>20</sup>

Para alimentar esta adoração, e afervorá-la, Cíntia compreendeu que o melhor caminho consistia em diferir a hora da cedência, e mul-

---

tido: J. J. BODOH, "Propertius II.19": *AC* 43 (1974) 340-345, especialmente 342-343. Sobre a interpretação da elegia 1.1, v. também: W. HERING, "Quid haec elegia sibi uelit, non ita facile dictu (Ein Beitrag zum Verständnis von Properz I.1)": *Philologus* 114 (1970) 98-117; P. J. CONNOR, "Saeuitia amoris. Propertius 1.1": *CPh* 67 (1972) 51-54; R. HANSLIK, "Zum ersten Gedicht der *Monobiblos* des Properz": *WS* n. s. 10 (1976) 186-198.

<sup>19</sup> BOUCHER, *op. cit.* [n. 1] 470-474, regista e discute todos os passos da obra properciana que permitem traçar este retrato. Outros subsídios: L. CATIN, "Properce et Cynthia": *BAGB* (Lettres d'Humanité) (1957) 27-52; A. LA PENNA, *L'integrazione difficile. Un profilo di Propertio*, Torino, Einaudi, 16-22; J. P. SULLIVAN, *Propertius. A critical introduction*, Cambridge, University Press, 1976, 76-106.

<sup>20</sup> 2.3, 9-22, 28-44. As relações entre esta elegia e a bucólica IV são estudadas por V. SCHMIDT, "Virgile et l'apogée de la louange de Cynthia (Properce II. 3. 23-32)": *Mnemosyne* 25 (1972) 402-407.

tiplicar, entretanto, as ocasiões de ciúme; simular desprendimento, mas exigir fidelidade total; trair e chorar, como se a culpada fosse vítima; ameaçar represálias; e romper, enfim, para recomeçar, tempos depois, com mais intensidade. A incerteza gera a inquietação. Cíntia usou desta arma com mestria. Ao poeta nunca disse: «amo-te.»<sup>21</sup> E o poeta, assim tratado, vivia em sobressalto. Todas as vezes, por exemplo, que a sabia de viagem. E essas viagens eram numerosas: a Preneste, a Túsculo, a Tíbur, a Lanúvio, ao bosque de Diana em Arícia.<sup>22</sup> «Oxalá te contentasses em passear aqui na terra, quando te queres recrear, / Cíntia! Mas não posso fiar-me em ti, quando é uma multidão / que te vê, de archotes acesos, a correr, como uma devota, / para o bosque da deusa Trívia e a oferecer-lhe estas luminárias. / (...) Enganas-te, <se cuidas que me enganas>: estas viagens denunciam as tuas aventuras de amor. / Não é a cidade, são os meus olhos, louca, que tu pretendes evitar!»<sup>23</sup>

Mas, entre tantas vilegiaturas, Baias representava a provação maior para o poeta. Baias era a grande estância balnear e termal da Campânia; Baias atraía a fina-flor da sociedade romana. Centenas de vivendas, milhares de encontros; as tentações do ócio; uma vegetação luxuriante, o azul do céu, a tepidez das águas do golfo... E o sortilégio temível de uma mulher ardente e mal guardada. Cíntia, onde estaria àquela hora? A vogar no espelho do Lucrino? ou a meditar na sombra do Averno? ou, em postura de langor, a escutar os murmurinhos tentadores de um rival ousado? «Desculparás — gemia Propércio —, se os meus bilhetes te levarem / uma mensagem de tristeza: a culpa será dos meus receios. / Pois não devo guardar-te melhor do que se guarda uma mãe querida?... / Sem ti, que me importa a vida?... / Cíntia, tu só, tu só és para mim a casa, os pais; / tu és o tempo todo da minha alegria. / (...) Mas deixa, o mais depressa que puderes, essa corrupta Baias: / essas praias vão fomentar muitas separações; / essas praias vão ser inimigas da castidade das amadas... / Ah, morra Baias, crime contra o amor, morram as suas águas!...»<sup>24</sup>

<sup>21</sup> 2.8.12.

<sup>22</sup> A Preneste: 2.32.3; a Túsculo: 2.32.4; a Tíbur: 2.32.5, cf. 3.16, 2-4; a Lanúvio: 2.32.6, 4.8.3 (cf. 4.8.48); ao bosque de Arícia: 2.32. 9-10.

<sup>23</sup> 2.32.7-10, 17-18.

<sup>24</sup> 1.11.1-14, 19-24, 27-30. Observações interessantes de H. AKBAR KHAN, "Sea-symbolism in Propertius 1.11": *AAntHung* 16 (1968) 253-256.

E vinham as longas noites de insónia; e o pranto sem remédio. Mudasse, ao menos, de servidão!... Esforço inútil: «Não posso amar outra, não posso renunciar a ela: / Cíntia foi a primeira, Cíntia será a última.»<sup>25</sup>

Uma mulher assim, em quem concorriam beleza e ligeireza, era um convite à traição dos próprios amigos do poeta. Um deles tentou afeiçoar a sua barca — e Propércio interveio, sem se indignar, com os avisos de uma experiência amarga: «Que queres tu, insensato? Reviver os meus desvarios? / Infeliz, tens pressa em conhecer abismos de desgraça / (...) e ingerir os venenos todos da Tessália?... / (...) Meiga é que ela não é, quando se irrita! / (...) Vai-te tirar o sono, vai-te tirar os olhos! / (...) Ah, quantas vezes, desdenhado, há-de correr à minha porta / e, por entre soluços, brutais palavras hão-de cair da tua boca / (...) e nem saberás quem és nem onde estás, desventurado! / Então aprenderás a conhecer a minha amada / e como é dura a servidão a que ela obriga / (...) e não te admirarás, tantas vezes, da minha palidez / nem perguntarás porque em todo o meu corpo eu estou aniquilado. / (...) E, nessa altura, eu não poderei dar-te conforto, ainda que tu mo peças, / — porque o meu mal não tem a sombra de um remédio: / mas pares na desgraça, fraternos no amor, havemos de derramar, / no peito um do outro, o mesmo pranto.»<sup>26</sup>

Só que o risco maior não vinha dos amigos: vinha do coração de Cíntia que se não contentava com a vassalagem de um único amor. «Mas será verdade, Cíntia, que te tornaste a fábula de Roma / e que já não há quem ignore o teu viver galante?»<sup>27</sup> Cíntia inventa, a toda a hora, parentes que são fingidos, mas que se arrogam o direito, o pleno direito, de a beijarem. E o poeta sofre. Sofre, porque lhe basta um nada, uma suspeita, mesma vã, para o apunhalar: o retrato de um jovem, o nome de um homem, uma criancinha de berço, os beijos frequentes de uma mãe, a irmã ou a amiga que dormem com ela. «Tudo me fere» — confessa. «Vivo em temor (perdoa este temor): / na minha miséria cuido que sob a túnica de uma mulher se oculta algum varão.»<sup>28</sup>

<sup>25</sup> 1.12.13-20.

<sup>26</sup> 1.5.3-11, 13-14, 18-22, 27-30. Estudo: R. O. A. M. LYNE, "Propertius I.5": *Mnemosyne* 27 (1974) 262-269.

<sup>27</sup> 2.5.1-2.

<sup>28</sup> 2.6.7-14; cf. 2.34.19-20.

Mas as suspeitas — no pior sentido — nem sequer eram ilusórias. Cíntia recebia, na sua casa ex-consular, ilustrada por tantas vitórias,<sup>29</sup> uma rica personagem, que o poeta designa por «pretor da Ilíria». <sup>30</sup> Muitas vezes Propércio encontrou fechada a porta de Cíntia e soube que lá dentro estava o seu rival. Cíntia vendia-se — não por dinheiro, mas por capricho, a avidez das jóias do Oriente, a púrpura de Tiro, a sedução do exótico e do desconhecido. Outro que fosse, o macho agravado reagiria com brutalidade: mas o poeta conhece o código do amor. «Não, pelo teu perjúrio não vou arrancar-te as vestes do corpo e rasgá-las; / não vou, em fúria, arrebentar essas portas fechadas; / nem, na minha indignação, agarrar-te por esses cabelos bem atados; / nem ousaria arranhar-te a face com os meus dedos cruéis: / só um rústico pode buscar estas torpes contendidas / e não aqueles a quem as heras cingiram a cabeça. / Mas hei-de escrever estas palavras, que, em tua vida, jamais hás-de apagar: / ‘Cíntia é muito bela, mas Cíntia é muito falsa.’ / E crê no que te digo: tu podes desdenhar os murmúrios da fama, / mas este verso, Cíntia, há-de fazer-te pálida.» <sup>31</sup>

Tentaram amigos acudir-lhe, mas em vão. Tentou o poeta Basso invocar outros amores, outras belezas: nenhum amor, nenhuma beleza como Cíntia. <sup>32</sup> Tentou o nobre Tulo cativá-lo para a carreira das armas no Oriente: mas que importava a Propércio conhecer Atenas e os tesouros da Ásia, se, na largada, do castelo da popa, teria de arrostar com as lágrimas e as acusações de Cíntia? «Deixa-me, que a fortuna sempre me quis vencido; / deixa-me, que hei-de exalar a alma num abismo de cobardia. / (.....) Não nasci para a glória, não nasci para as armas: / é esta, só esta a milícia que os fados me obrigam a suportar.» <sup>33</sup> Ainda experimentou, mais tarde, o remédio heróico da separação, numa viagem além-mar. Mas esquecia que Cíntia era poderosa nos ventos e nas vagas. Uma tempestade assaltou o navio: a morte espreitava de perto. «E com razão — exclama o poeta — já que tive alma de escapar à minha amada, / agora falo às alcíones solitárias.» E antes de invocar as Nereides, é Cíntia que ele invoca

<sup>29</sup> 1.16.1-3.

<sup>30</sup> 1.8.1-8, 37-40; 2.16.1-2.

<sup>31</sup> 2.5.21-30.

<sup>32</sup> 1.4.1-16.

<sup>33</sup> 1.6.1-18, 25-26, 29-30. Estudos: J. J. BODOH, “Contrast in Propertius I.6”: *Emerita* 41 (1973) 397-401; F. CAIRNS, “Some problems in Propertius I.6”: *AJPh* 95 (1974) 150-163; E. ÉVRARD, “Properce, I.6”: *LEC* 42 (1974) 39-49.

— Cíntia presente nas ameaças do vento, Cíntia presente nos gemidos das vagas, Cíntia presente na última homenagem ao náufrago destruído.<sup>34</sup> Salvou-se, buscou o refúgio da solidão. Mas bosques e fontes, caminhos selvagens, os próprios rochedos desertos ressoavam com o nome de Cíntia.<sup>35</sup> Não havia que fugir — havia que aceitar a escravidão.

Quando o poeta, consumido de amor e de amargor, adoeceu, Cíntia não se apressou a visitá-lo. Acabou por aparecer — mas distraída, ausente, preocupada em ajeitar o toucado da véspera, em tentar, com exasperante complacência, o oval do rosto, em afagar o peito recamado com gemas do Oriente, como a mulher que se alinda para deslumbrar um novo amante. E o poeta indignava-se, num misto de furor e desolada galanteria: «Não dêis tão pouco valor a esses belos olhos, / que tantas vezes me levaram a acreditar no que era perfídia. / Por esses olhos juravas que, se dissesses uma mentira, / pudessem eles cair nas mãos que os aparavam! / E tens coragem de os levantar contra a majestade do Sol! / E não tremes, sabendo-te culpada de dissolução!...»<sup>36</sup>

Com a doença, a visitação da morte entrou a persegui-lo. Já vinha de longe, do tempo em que Propércio recolhera os ossos de seu pai. Não era tanto o espectro do fim: era o espectro do abandono. A sorte do cão vadio na berma da estrada. E, por contraste, uma sofreguidão inexausta de amar: «Não, minha Cíntia, agora não são os Manes sinistros que eu receio; / não hesito em pagar à fogueira fatal o tributo que lhe é devido. / Mas que o teu amor me possa faltar na hora do saimento, / esse é o meu temor, mais cruel que o próprio funeral. / (...) Como eu receio, Cíntia, que um amor adverso te leve a desdenhar o meu cadáver / e a afastares-te da minha cinza / e te obrigue, contra vontade, a secar as lágrimas que rolavam!... / (...) Por isso, enquanto é tempo, vivamos em amor e alegria. / É sempre breve, por mais que dure, o amor.»<sup>37</sup>

<sup>34</sup> 1.17.1-12, 19-28. Estudo: E. W. LEACH, "Propertius I.17. The experimental voyage": *YCIS* 19 (1966) 209-232.

<sup>35</sup> 1.18 (passim).

<sup>36</sup> 1.15.1-8, 33-38. Interpretação da atitude da Cíntia: A. W. BENNETT, "The elegiac lie: Propertius 1.15": *Phoenix* 26 (1972) 28-39; A. ALLEN, "Cynthia's bedside manner": *ibid.* 27 (1973) 381-385.

<sup>37</sup> 1.19.1-4, 21-23, 25-26. Estudo: A. J. BOYLE, "Propertius I.19: a critical study": *Latomus* 33 (1974) 895-911.

Mas, nas horas de fel, em vez de um apelo ao amor, golfava um regurgito de desespero: porque não morrera logo no berço? porque se conservara este sopro de vida tão incerto?... Protestava ainda a voz da carne: «E vais morrer assim, Propércio, na flor dos anos?...» Mas de pronto a sanha de destruição o sufocava: «Pois morre: e que ela se alegre com a tua morte! / E que ela atormente os meus Manes e persiga a minha sombra / e insulte a minha pira e espezinhe os meus ossos!» Então, desvairado, almejava matá-la e matar-se por suas próprias mãos: «Mas tu não hás-de escapar: tens de morrer comigo. / O mesmo ferro fará correr o sangue um do outro. / Pode essa morte ser desonrosa para mim: / pois que desonrosa seja — mas tu tens de morrer.»<sup>38</sup>

Eram exaltações de curta duração: como uma cavalgada de febre que deixa o corpo mais quebrado. Rendido ao sortilégio da grande feiticeira, o poeta fazia dela a executora das suas últimas vontades: «Não quero um cortejo longo, a passear imagens, / nem uma trombeta a clangorar os vãos lamentos do meu fado. / (...) Quero as exéquias modestas de um plebeu. / Grande será já o cortejo, se nele figurarem os meus três livros, / que são a oferenda maior que eu posso levar a Perséfone. / E tu, de peito nu e dilacerado, seguirás o cortejo / e não te cansarás de invocar o meu nome / e sobre os meus pobres lábios gelados deporás os últimos beijos. / (...) Depois, quando a fogueira, bem ateadada, me tiver reduzido a cinza, / que uma urna pequenina receba os meus despojos. / E sobre a minha campa estreita se plante um loureiro / (...) e se leiam dois versos de inscrição: ESTE QUE AGORA AQUI JAZ, UM PÓ RUGOSO, / OUTRORA O SERVO FOI DE UM GRANDE AMOR.»<sup>39</sup>

A possessão era total. Qualquer mulher poderia ufanar-se do êxito alcançado. Até uma deusa. Cíntia assim o entendeu. A Lua Negra ia despir os crepes e entremostrar o disco luminoso. Mas a espaços apenas, para não contrariar a própria natureza. Ainda ontem o poeta andava de cabeça baixa, suplicante, mais vil que um tanque seco. E hoje podia entoar um canto de vitória. Era o deslumbramento. «Quantas delícias concentrei na noite que passou! / Mais

<sup>38</sup> 2.8.17-20, 25-28. Estudos: T. A. SUITS, "Mythologie, address and structure in Propertius 2.8": *TAPHA* 96 (1965) 427-437; "Myth and proverb in Propertius 2.8": *CW* 68 (1975) 417-424.

<sup>39</sup> 2.13.19-20, 24-29, 31-36. Estudo: L. P. WILKINSON, "The continuity of Propertius II.13": *CR* 16 (1966) 141-144.

outra como esta — e serei imortal.» «Batiam os rivais à sua porta, em vão; e em vão lhe chamavam sua senhora. / Ela estava comigo, a minha amada, de cabeça docemente reclinada no meu peito.»<sup>40</sup> Era uma febre insaciável de prazer, que Cíntia acicatava, com a arte consumada de uma cortesã, e o poeta sofregamente secundava, com aquela ideia obsidiante da morte: «Enquanto os fados o consentem, de amor os nossos olhos saciemos: / a noite longa vem — e o dia sem regresso. / (...) Enquanto a luz esplende, não desdenhes os frutos desta vida. / Todos os beijos podes dar, que poucos terás dado. / Vês as pétalas que se soltam das áridas corolas / e vão boiando, esparsas, à superfície das taças?... / Assim nós, os amantes, que hoje nutrimos grandes esperanças, / acaso o dia de amanhã há-de encerrar a nossa vida.»<sup>41</sup>

Cíntia amava o arpejo da aventura e a conspurcação das tabernas e dos trívios. Para iludir a família ou outros pretendentes, obrigava o poeta a fazer longas veladas sob as janelas da sua casa: até que, descendo por uma corda, vinha lançar-se nos braços do amante.<sup>42</sup> Outras vezes, partia para Tíbur e, altas horas da noite, mandava recado a Propércio para que fosse imediatamente ao seu encontro. Razões, boas ou más, não as ouvia; e, muito menos, a alegação dos perigos da jornada. Por uma simples falta, o poeta sofreu castigo implacável: um ano de apartamento.<sup>43</sup> Como algumas damas do seu tempo, e de todos os tempos, esta mulher da alta-roda não se dedignava de frequentar ambientes equívocos e procurar o contacto com a multidão. Muitas vezes Cíntia e os seus amantes se querelaram em uma locanda escusa; <sup>44</sup> muitas vezes Cíntia e Propércio, unidos peito a peito, aqueceram com as suas capas o chão da encruzilhada; <sup>45</sup> muitas vezes Cíntia e Propércio se desencontraram, porque Cíntia se incorporara em cortejos nocturnos, no bosque de Arícia e alhures.<sup>46</sup> Agora

<sup>40</sup> 2.14.11-12, 9-10, 21-22.

<sup>41</sup> 2.15.23-24, 49-54. Sobre o tema: BOUCHER, *op. cit.* [n. 1] 65-84; R. J. BAKER, "*Laus in amore mori*. Love and death in Propertius": *Latomus* 29 (1970) 670-698. Com algum exagero, J. PARK POE, "An analysis of Seneca's *Thyestes*": *TAPhA* 100 (1969) 359-360 n. 10, fala da "necrofilia" dos elegíacos latinos.

<sup>42</sup> 4.7.15-18.

<sup>43</sup> 3.16.1-10.

<sup>44</sup> 4.8.19-20.

<sup>45</sup> 4.7.19-20.

<sup>46</sup> 2.32.9-10, 17-19; 2.33a.1-20.

projectava viagens de longo curso: queria atravessar o mar, conhecer novas terras. E logo o poeta se prontificava a acompanhá-la: e imaginava uma sucessão de quadros idílicos, com um fecho ante-romântico do melhor estilo. A mesma prancha lhes serviria de leito, a mesma brisa os impeliria, a mesma praia os acolheria, a mesma árvore lhes daria sombra, a mesma água lhes mataria a sede... E se um raio de Júpiter incendiasse o navio?... Seriam lançados na mesma costa: podiam as vagas arrastar o poeta, desde que a terra cobrisse a sua amada.<sup>47</sup> Depois, era um sonho mau que o perseguia: uma nave despedaçada, Cíntia a nadar de mãos exaustas, sem forças já para soerguer os cabelos; o poeta que tardava em lançar-se do rochedo, um delfim que se precipitava para acudir à naufragada...<sup>48</sup> Mas Cíntia, nessa altura, já tinha desistido da viagem além-mar. Pesava-lhe, no fundo, abandonar os lugares onde a sua beleza e o seu espírito impunham vassalagem. Como a Lua corria, dona sem dono, pelos caminhos da noite; como a Lua tornava, dona sem dono, à cova da terra onde o poeta absorvia a sua luz, maligna, de fascinação.

Propércio assistiu, uma noite, à impregnação lunar da bem-amada. O poeta andava em maré de abatimento, recorrera ao estímulo do vinho e arrastava os seus passos, vacilantes, até à casa de Cíntia. Ninguém lhe vedou a entrada. Cíntia dormia; e a sombra recortava o seu dormir. Ali estava, inerte e cheia de força, aquela mulher. Como o poeta gostaria de entender! Quem era Cíntia, afinal, naquela hora? Uma donzela abandonada na ressaca da praia? Uma bacante exausta, na relva, após uma orgia sangrenta e paroxística?... Vinho e paixão exaltavam o ardor de Propércio; mas o poeta não ousava quebrar o sono da amada: conhecia, por experiência, os seus furores repentinos. Limitava-se a olhar, intensamente, o rosto adormitado; a cingir-lhe a fronte com as grinaldas que tirara da sua; a compor-lhe os cabelos, desprendidos; a pousar-lhe na concha da mão os frutos que trouxera da festa. Mas eram homenagens vãs — que o sono, ingrato, desfazia. E todas as vezes que Cíntia se agitava e suspirava, o poeta, estremecendo, recolhia um presságio funesto: era um pesadelo de terror, era um rival que tentava fazê-la sua pela força. Até que a

<sup>47</sup> 2.26b.29-34, 41-44.

<sup>48</sup> 2.26a.17-20. Comentário do tema (com referências à bibliografia anterior): N. WIGGERS, "Variations on a theme: nightmare and daydream in Propertius II.26": *Latomus* 39 (1980) 121-128.

lua surgiu e lentamente deslizou, uma janela, outra janela, e se embebeu, como uma lâmina de prata, nos olhos que dormiam. E logo Cíntia despertou e se apoiou no cotovelo e invectivou o poeta. Só agora aparecia, com as estrelas declinantes? porque outra o escorraçara? porque outra lhe roubara a noite que era sua?... E ela à espera, a iludir o tempo com um fio de púrpura, um acorde de lira, um canto lamentoso... até que as asas do sono apagaram lágrimas e cuidado.<sup>49</sup>

A Lua Negra cobria o firmamento. Nenhum lugar para as estrelas. O poeta bem o sabia e afirmava: «Tudo enterrou o teu amor.»<sup>50</sup> «Pelos ossos de minha mãe te juro e pelos ossos de meu pai / (se minto, que a cinza de ambos me pese sobre a alma!), / juro que te serei fiel, ó minha vida, até às trevas derradeiras.»<sup>51</sup> «É mesmo que esteja sentado nos canaviais do Estígio, com o remo em punho, / e enxergue as velas sinistras da barca infernal, / se a brisa me levar o apelo da tua voz, ó minha amada, / pelo caminho a todos interdito eu hei-de regressar.»<sup>52</sup>

Em plena canícula, Cíntia adoeceu gravemente. Mas a culpa — dizia o poeta — não era dos ares peçonhentos: a culpa era da imprudência dela que ousara comparar-se a Vénus.<sup>53</sup> Se Cíntia morresse,

<sup>49</sup> 1.3 (passim). As conexões deste poema com outros textos literários (nomeadamente da *Antologia Palatina*) e várias obras de arte antiga explicam que ele tenha sido objecto de numerosos estudos. Citamos apenas os artigos mais recentes: L. ALFONSI, “Una elegia di Propertio: una forma di arte”: *StRom* 1 (1953) 245-253 (cf. também “Il primo Propertio”: *StRom* 20 [1972] 477-487); G. LIEBERG, “L’elegia I.3 di Propertio”: *GIF* 14 (1961) 308-326; A. W. ALLEN, “Sunt qui Propertium malint”: *Critical essays on Roman literature. I. Elegy and lyric* ed. J. P. SULLIVAN, London, Routledge & Kegan Paul, 1962, 130-134; F. KLINGNER, “Propertius Elegie *Qualis Thesea* (1.3)”: *Römische Geisteswelt*, München, Ellermann, 1965, 431-443; L. C. CURRAN, “Vision and reality in Propertius 1.3”: *YCS* 19 (1966) 189-207; A. WLOSOK, “Die dritte Cynthia-Elegia des Propertius (Prop. 1.3)”: *Hermes* 95 (1967) 330-352; R. O. A. M. LYNE, “Propertius and Cynthia: Elegy I.3”: *PCPhS* 16 (1970) 60-78; W. HERING, “Propertius I.3”: *WS* n. s. 6 (1972) 45-78; D. P. HARMON, “Myth and fantasy in Propertius 1.3”: *TAPhA* 104 (1974) 151-165; P. FEDELI, “Propertio I.3. Interpretazione e proposte sull’origine dell’elegia latina”: *MH* 31 (1974) 23-41; G. GIANGRANDE, “Los tópicos helenísticos en la elegía latina”, *Emerita* 42 (1974) 29-36; F. CAIRNS, “Two unidentified *komoi* of Propertius I.3 and II.29”: *Emerita* 45 (1977) 325-337, 349-353.

<sup>50</sup> 3.15.9.

<sup>51</sup> 2.20.15-17.

<sup>52</sup> 2.27.13-16.

<sup>53</sup> 2.28a.3-10.

iria contar no além o risco de ser bela; e entre as heroínas homéricas, nenhuma lhe disputaria o primeiro lugar.<sup>54</sup> Mas Cíntia não devia morrer. Há tanta mulher bela nos Infernos! Que uma, ao menos, seja conservada na terra.<sup>55</sup> Por isso o poeta implorava a Júpiter: «Não é por um só que te suplico: tem piedade de dois! / Eu viverei, se ela viver. Se ela morrer, eu morrerei.»<sup>56</sup>

E Cíntia não morreu; Cíntia pagou a promessa devida a Diana, sua protectora;<sup>57</sup> Cíntia retomou a vida dissipada que levava. Veio outra vez o «pretor da Ilíria»;<sup>58</sup> um pretendente que a trocou pelas riquezas de África;<sup>59</sup> um peralvilho da urbe;<sup>60</sup> outros que tinham passado e partido.<sup>61</sup> Estalavam risadas de mofa por entre o tinir dos copos e o chocalhar dos dados.<sup>62</sup> O poeta dormia nas encruzilhadas, sob a claridade estéril da lua, ou lançava palavras vãs pela fenda de uma porta.<sup>63</sup> Ainda tentava justificar a sua amada: eram assim as regras do jogo, na boa sociedade;<sup>64</sup> deuses e deusas tinham dado o exemplo;<sup>65</sup> também o fizera a Lésbia de Catulo.<sup>66</sup> Mas batia-lhe forte no peito a imagem de um corpo negro a revolver-se na brancura da neve.<sup>67</sup> Ah, pudesse o rival tornar-se pedra no esto do prazer!...<sup>68</sup> E, para se iludir, evocava a noite em que Cíntia, desvairada pelo vinho, brutalizara o poeta, deixando-o malferido e seminu. Bom sinal, podem crer: sem um amor intenso, nenhuma mulher se exalta. Por isso — gritava Propércio ao seu rival — «esta noite que

---

<sup>54</sup> 2.28a.29-30.

<sup>55</sup> 2.28b.47-50.

<sup>56</sup> 2.28a.41-42.

<sup>57</sup> 2.28b.59-60.

<sup>58</sup> 2.16.1-10. Sobre esta elegia e outras em que há elemento cómico: J. C. YARDLEY, "Comic influences in Propertius": *Phoenix* 26 (1972) 134-139.

<sup>59</sup> 3.20a.1-6. Estudos: J. A. BARSBY, "Propertius III.20": *Mnemosyne* 28 (1975) 30-39; F. REGEN, "Zum Aufbau von Properz 3.20": *Hermes* 103 (1975) 469-479.

<sup>60</sup> 4.8.23-26.

<sup>61</sup> 2.21.4-10.

<sup>62</sup> 2.9.21-22; 3.25.1-2.

<sup>63</sup> 2.17.15-16.

<sup>64</sup> 2.32.25-30; 2.33b.41-44.

<sup>65</sup> 2.32.33-40, 55-62.

<sup>66</sup> 2.32.45-46.

<sup>67</sup> 2.16.28-29.

<sup>68</sup> 2.9.47-48.

me roubaste, não foi a ti que a minha amante a deu: / foi à sua vingança, foi a mim que ela a ofereceu.»<sup>69</sup>

Mas ao cabo de cinco anos, aquele amor doloroso parecia esgotado, como um maratoneta no termo da corrida. O poeta buscava o esquecimento no vinho,<sup>70</sup> nas viagens,<sup>71</sup> no amor mercenário<sup>72</sup>. Outros são agora os temas da sua musa.<sup>73</sup> Perdera mesmo as tabuinhas em que escrevera tantas mensagens de amor.<sup>74</sup> Cíntia não se emendava, mas reagia violentamente à menor traição de Propércio. O culto da Lua Negra não comporta eclipses na terra. O poeta descreveu uma dessas explosões. Cíntia andava de amores com um libertino imberbe e depilado, dono de uma viatura de luxo e de cães molossos de pescoço guarnecido de braceletes. Depois de escandalosa contenda em uma taberna imunda, Cíntia saltou para o carro do amante e lançou-se a toda a brida, por escabrosos caminhos, em direcção a Lanúvio. Sentada no temão do carro, rédeas em punho, incitando os garranos de pêlo aparado, era um verdadeiro espectáculo: a imagem da deusa que aparece em moedas da cidade.<sup>75</sup> O poeta, desesperado, resolveu tirar desforra: apalavrou duas cortesãs de baixo nível, um flautista egípcio, um anão grotesco, e organizou um festim na sua casa das Esquílias. Choviam do tecto as rosas; o aroma do vinho enternecia... mas os sinais eram de mau agouro: luzes vacilantes, mesa tombada, lances desfavoráveis no jogo dos dados. As raparigas

<sup>69</sup> 3.8.1-10, 39-40. Sobre o tema: J. C. YARDLEY, "Lovers' quarrels: Horace, *Odes* 1.13.11 and Propertius 4.5.40": *Hermes* 104 (1976) 124-128.

<sup>70</sup> 3.17. Estudo: R. J. LITTLEWOOD, "Two elegiac hymnes: Propertius, 3.17 and Ovid, *Fasti* 5.663-692": *Latomus* 34 (1975) 662-669.

<sup>71</sup> 3.21 em contraste com 2.30a. Sobre a elegia 3.21: L. ALFONSI, "Propertius e Atene": *GIF* 16 (1963) 289-292; R. J. BAKER, "Propertius' lost bona": *AJPh* 90 (1969) 333-337; H. JACOBSON, "Structure and meaning in Propertius' Book 3": *ICS* 1 (1976) 160-173. Sobre a elegia 2.30a: F. CAIRNS, "Propertius, 2.30a and b": *CQ* 21 (1971) 204-213.

<sup>72</sup> 2.23.13-24; 2.24a.9-10; 4.8.25-36; cf. 2.22a (passim).

<sup>73</sup> É o período das chamadas "elegias romanas": vide P. GRIMAL, "Les intentions de Propertius et la composition du livre IV des *Élégies*": *Latomus* 11 (1952) 437-450.

<sup>74</sup> 3.23. Estudo: R. J. BAKER, "*Duplices tabellae*. Propertius 3.23 and Ovid, *Amores* 1.12": *CPh* 68 (1973) 109-113.

<sup>75</sup> K. LATTE, *Römische Religionsgeschichte*, München 1960, Pl. 10b, cit., por M. HUBBARD, *Propertius*, London, Duckworth, 1974, 155 n. 1.

cantavam, e ele não ouvia; as raparigas desnudavam-se, e ele não via. Era como se estivesse sozinho: o seu coração morava em Lanúvio. E, de repente, a porta rangeu nos gonzos, ouviu-se um murmurinho de vozes à entrada — e Cíntia arremeteu pela casa dentro, de cabelos em desalinho e olhos fulminantes de furor. E foi como numa cidade tomada de assalto, sem quartel para os defensores: as duas cortesãs, de cabelos arrancados e túnicas despedaçadas, correram, gritando, a refugiar-se na taberna mais próxima; o poeta viu-se esbofeteado, espancado e mordido até sangrar; o escanção tentou esconder-se debaixo do leito, mas foi arrancado e maltratado sem piedade. Lá fora, a vizinhança, em alvoroço, batia a rua, de lanternas em punho, ou acudia com água para dominar o incêndio. Quando o poeta, de joelhos, suplicou clemência, Cíntia impôs duras condições e procedeu — como Ulisses no seu palácio de Ítaca — à purificação minuciosa de todos os lugares conspurcados. E só depois consentiu na paz carnal.<sup>76</sup>

Cíntia triunfara mais uma vez. Mas por pouco tempo. Propércio entrara, deliberadamente, no caminho da revolta. Começava a dessacralização do ser amado. Pela primeira vez, o poeta contesta, brutalmente, a formosura de Cíntia: «É falsa essa confiança que tens, mulher, na tua beleza. / (...) Foi o meu amor, Cíntia, que te deu esses louvores excessivos. / A tua beleza é uma mescla de outras, e eu muitas vezes a louvei / para que o amor pensasse que tu eras o que não és. / Quantas vezes comparei a tua carnação às rosas da Aurora, / quando o fulgor do teu rosto era emprestado!...»<sup>77</sup> Um arranco mais — e vinha o lacerante adeus: «Eu era alvo das risadas nas mesas dos banquetes, / e, de mim, qualquer um podia dizer graçolas. / Cinco anos eu pude ser o teu fiel escravo: / muitas vezes, roendo as unhas, hás-de sentir remorsos da minha fidelidade. / Já me não comovem as tuas lágrimas: / por essas manhas andei ilaqueado: / sempre, ao armares uma cilada, Cíntia, tu tens o vezo de chorar. / Eu, sim, é que

<sup>76</sup> 4.8 (passim). Artigos mais recentes sobre esta elegia-mimo: S. EVANS, "Odyssean echoes in Propertius IV.8": *G & R* 18 (1971) 51-53; J. C. YARDLEY, "Comic influences in Propertius": *Phoenix* 26 (1972) 134-139; J. TURPIN, "Cynthia et le dragon de Lanuvium: une élégie cryptique (Propertius, IV.8)": *REL* 51 (1973) 159-171 (inverosímil); H. M. CURRIE, "Propertius, IV.8: a reading": *Latomus* 32 (1973) 616-622; J. A. DEE, "Elegy 4.8: a Propertian comedy": *TAPhA* 108 (1978) 41-53.

<sup>77</sup> 3.24.1-2, 5-8.

hei-de chorar, na despedida; / mas o choro vence-o o ultraje: / és tu que não deixas avançar um jugo harmonioso.» E, no virar da página, a imprecação final sobre a beleza: «Mas que sobre a tua vida pesem os anos escondidos / e sobre a tua beleza caíam as rugas sinistras! / Então, hás-de querer arrancar, pela raiz, os cabelos brancos, / ah, quando o espelho te gargalhar em rosto as gelhas; / e, repelida, será a tua vez de aguentar soberbos desdêns; / e os feitos que fizeste, hás-de chorá-los, velha! / Esta é a expiação que o meu livro, fatal, te profetiza: / a tua beleza há-de ter um fim: fica a sabê-lo — e treme.»<sup>78</sup>

Mas não houve expiação: porque, antes que a sua beleza morresse, foi Cíntia quem morreu. E a dessacralização que estava em acto não se consumou. Cíntia era ainda a Lua Negra do poeta.

Claramente se viu depois do funeral. Um funeral modesto, que o poeta, desejoso de esquecer, desertou. Assim tentava esmagar o coração. Não conseguiu esmagar o remorso. Cíntia ficou tumulada à beira da estrada, junto às portas de Tíbur, daquela Tíbur que conhecera o seu amor. Propércio, em casa, procurava conciliar o sono — mas em vão. Revolvia-se no leito, chorava a frialdade do seu reino, quando Cíntia apareceu e se debruçou sobre ele. Eram os mesmos olhos, os mesmos cabelos; apenas a veste queimada em um dos lados, queimado o anel que costumava trazer no dedo. A água do Letes descolorira a flor dos lábios; mas a voz e as paixões não tinham mudado, nem aquele estalido do polegar que usava para chamar os escravos: «Pérfido, não há mulher que de ti possa esperar sorte melhor! / Já sobre ti o sono retoma o seu poder?... / (...) Ah, palavras falazes das juras secretas / que os ventos, sem as ouvir, já dispersaram! / Quando os meus olhos se apagavam, não houve quem gritasse o meu nome: / um dia mais, havia de obtê-lo, se tu me chamasses. / (...) Ninguém te viu curvado no meu funeral, ninguém te viu aquecer de lágrimas o negror da toga. / Se te pesava acompanhar o meu esquife além das portas, / mandasses, ao menos, que fosse mais lenta a sua marcha. / Porque não imploraste, ingrato, os ventos para a fogueira? /

<sup>78</sup> 3.25.1-8, 11-18. Sobre as elegias 3.24 e 3.25: L. ALFONSI, “Addio all’ amore di Propertio”: *Orpheus* 3 (1956) 59-65; E. BURCK, “Abschied von der Liebesdichtung (Propertius III.24 und 25)”: *Hermes* 87 (1959) 191-211; A. W. BENNETT, “Propertius 3.24. A new approach”: *CPh* 64 (1969) 30-35; G. L. KONIARIS, “On Propertius 3.24. A reply”: *ibidem* 66 (1971) 253-258.

Porque não exalaram aroma de nardo as minhas chamas? / Tanto te custava lançar na minha cinza uns pobres goivos / e uma ânfora quebrar em minha honra!...» Outras acusações vieram, a seguir: um escravo do poeta, de gorra com uma feiticeira, teria propinado a Cíntia o veneno fatal; graças aos seus filtros, uma mulher indigna pontificava em casa de Propércio, oprimia as escravas de Cíntia e mandava fundir o seu retrato de ouro, para arredondar o dote ...

Mas, de repente, aquele ataque implacável cessou. Cíntia morta sabia, ao contrário de Cíntia viva, quanto tinha sido injusta com o poeta. E fez uma afirmação espantosa, à luz da eternidade: «Não te persigo mais, embora o mereças, Propércio: / longo foi o meu reinado nos teus livros. / Juro pelo Destino, pelas suas leis que ninguém pode mudar, / (...) que eu te guardei fidelidade. Se minto, que uma víbora / assobie sobre o meu túmulo e se deite sobre os meus ossos.» Depois, as últimas recomendações: devia olhar pelas suas escravas de confiança; queimar os versos que o amor dela lhe inspirara; gravar um epitáfio em sua honra...

Era chegada a hora de partir. E aquela fúria de amor, que jamais confessara o seu amor, articulou a sua promessa derradeira — desesperada e macabra: «Agora, que outras te possuam. Em breve, eu só te estreitarei. / Comigo hás-de ficar e, misturados os nossos ossos, os teus ossos eu hei-de consumir.»<sup>79</sup>

Foi a última intervenção da Lua Negra. Quando reapareceu, para o levar, não era negra, era de prata — e tinha o rosto da Imortalidade.

WALTER DE MEDEIROS

---

<sup>79</sup> 4.7 (passim). O estudo mais recente desta elegia encontra-se em J. WARDEN, «*Fallax opus*». *Poet and reader in the Elegies of Propertius*, Toronto, University Press, 1980, 3-81 (bibl. 115-134). Sobre o colorido erótico das últimas palavras de Cíntia e a sua reminiscência em Ovídio (*Met.* 11.706-707) e em um epitáfio pós-augustano (*CIL* 6.2.9693 = *CE*1136): J. W. ALLISON, "Propertius 4.7.94": *AJPh* 101 (1980) 170-173.